



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14010 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

Intuição e Inteligência em Bergson: experiências de criação do corpo criança

Maria Isabel da Costa Mar - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM

INTUIÇÃO E INTELIGÊNCIA EM BERGSON: EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO DO CORPO CRIANÇA

Resumo: O objetivo dessa pesquisa consistiu em compreender o conceito de intuição e de inteligência à luz da teoria de Bergson de modo a articulá-la às experiências de criação do corpo criança. Ela está organizada em três tópicos. O primeiro aborda o conceito de inteligência e de intuição. O segundo a intuição-emoção profunda e o ato livre para criar, e o terceiro as experiências de criação do corpo criança, enquanto brinca. A criação se dá mediante a liberdade que se tem no espaço em que a criança está inserida. Os resultados indicam que o ser humano por ter linguagem, tem mais que o instinto, tem inteligência, podendo assim, chegar à intuição-emoção profunda, num plano de profundidade do eu. Conclui-se que a criança vive o presente e a partir do que ela deseja, ela cria, seja na escola, seja na rua, seja no quintal de casa, seja em qualquer espaço, mesmo mediante as restrições, ela realiza o esforço na invenção e, assim ao criar ela se atualiza.

Palavras-chave: Intuição e Inteligência, Criação, Corpo Criança.

Introdução

A vida é experiência; estudar é experiência; brincar é experiência; e nessas

experiências consigo, com o outro e com o mundo, somos marcados, afetados. Qual seria a qualidade dessas experiências? Qual seria a natureza das experiências que nos marcam durante a vida? É possível criar a partir das experiências que até agora nos marcaram? Quais as naturezas das experiências de ensino dirigido para as crianças?

O corpo criança ao brincar com seus brinquedos já fabricados e inventados por outras mãos pode não criar, pois sua ação dirigir-se-á mais a manusear o que já está posto. O corpo criança ao ter contato com brinquedos industrializados pode não sentir o desejo de criação, diferente de quando se sente desafiado ao pegar prendedores de roupa e os encaixar uns nos outros os transformar em um trem; nesse processo de criação, os olhos das crianças ficam fixos nos objetos transformados, suas mãos empenhadas no movimento, seus cabelos molhados de suor nos faz perceber os esforços dedicados por elas nos atos de invenção-criação. Enquanto os brinquedos industrializados funcionam no plano da previsibilidade, já os artefatos manuseados por ela lhes desafiam a imaginar o imprevisto, como no caso demonstrado com uso de pregadores de roupa.

Partindo dessa compreensão, nos propomos em compreender o conceito de inteligência e de intuição em Bergson de modo a articulá-las às experiências de criação do corpo criança enquanto brinca, enquanto estuda, enquanto existe, enquanto vive. Como também entender o par intuição-emoção profunda, de modo que ocorra o ato livre do espírito para criar, sobretudo no ensino. Por fim, apresentar exemplos de criação do corpo criança em meio suas brincadeiras.

Intuição e Inteligência em Henri Bergson

Henri Bergson (1859 – 1941) foi um filósofo francês; publicou obras como *Matéria e Memória* (1896), *A evolução criadora* (1907), *O pensamento e o movimento* (1934) e outras. Desenvolveu conceitos como duração, memória, inteligência, intuição, *elã vital*, dentre outros.

O conceito de inteligência e de intuição apresentam diferenças, mas se complementam. Enquanto a inteligência está para a resolução de problemas, a intuição está para a motivação do desejo de criar. O ser humano produz, tem capacidade de criar e reproduzir. A inteligência pode ser entendida por três dimensões. A primeira como função no mundo organizado; a segunda como limitação do *elã vital*; e a terceira mostra sua gênese cosmológica.

Por esta última dimensão, utilizaríamos apenas nossos órgãos, já pela dissociação da animalidade, nos especializaríamos em criar instrumentos para a nossa sobrevivência como extensão dos nossos órgãos (MORATO PINTO, 2017). A inteligência procura determinar as coisas, torná-las imutáveis, mas o ser humano é movimento, ou seja, ele pode articular a inteligência à intuição, favorecendo atos de criação.

Na dissociação da animalidade temos duas tendências: o instinto e a inteligência, a primeira “[...] quase não varia, não estabelece relações”, a segunda “[...] infere e inventa” (MORATO PINTO, 2017, p. 39). No instinto, temos a planta, o animal que não estabelecem relações de linguagem e por isso não infere, estão fechados, pré-determinados, ou seja, são seres que nascem com uma função determinada. O ser humano pela linguagem consegue estabelecer relações, inferir, inventar, tem vias de possibilidades, está aberto, é um ser sem determinações, mas com predisposições, que precisam ser trabalhadas, para serem desenvolvidas.

Uma criança ao nascer com predisposição para tocar violão só poderá desenvolver essa habilidade ao ter contato com o instrumento, ao fazer os acordes, ao dedilhar com seus dedos as cordas, ao ouvir tons agudos e tons graves, ao perceber o tempo, o ritmo, a melodia, a harmonia, uma experiência em profundidade. A criança ao aprender a tocar um instrumento, portanto, vai além do instinto. Por ter inteligência ele a utiliza na relação com quem o ensina, e pode chegar à intuição.

Para Deleuze (1999, p. 7),

A intuição é o método do bergsonismo. A intuição não é um sentimento nem uma inspiração, uma simpatia confusa, mas um método elaborado, e mesmo um dos mais elaborados métodos da filosofia. Ele tem suas regras estritas, que constituem o que Bergson chama de "precisão" em filosofia.

A intuição apreende o que somos e o que é diferente. A intuição faz o movimento de reencontrar as diferenças de natureza que estão sob as diferenças de grau de modo a comunicar à inteligência os critérios para a distinção dos verdadeiros e dos falsos problemas. As diferenças de grau possibilitam um binarismo, certo ou errado, superior ou inferior, dentre outros exemplos. Já nas diferenças de natureza se tem uma heterogeneidade (DELEUZE, 1999).

Podemos considerar que a criação está para as diferenças de natureza, pois abre espaço para a heterogeneidade. E difere do conceito de inteligência quando busca repetição, binarismo e toma as coisas do mundo como representação que encontra espaço nas diferenças de grau. O conceito de criação a partir do par atual/virtual tende a se diferenciar se atualizando, ou seja, uma coexistência entre passado e presente. Pensar a criação a partir do par atual/virtual, é pensar no ser que continua a se atualizar ao se diferenciar, e estabelece uma coexistência em que o passado toca o presente (DELEUZE, 1999).

Intuição-emoção profunda e o ato livre para criar

Este tópico visa fazer uma breve relação da intuição com a emoção para um ato livre

de criação. David Lapoujade em sua obra “Potências do Tempo” nos apresenta uma discussão rica quanto a liberdade para criar. É um filósofo francês e professor da Universidade de Sorbonne e também foi aluno de Deleuze. Trabalha com o conceito de duração de modo a discutir os seus desdobramentos pela via das emoções, uma experiência da liberdade.

A emoção profunda “[...] está ligada à passagem do tempo propriamente dita, ao fato de sentirmos o tempo fluindo em nós e ‘vibrando interiormente’. É a própria duração que, em nós, é emoção” (LAPOUJADE, 2017, p. 11). Na aula de artes, uma criança recebe a atividade do (a) professor (a), olha, observa e percebe que o desenho representa um jardim com uma árvore, duas flores, um sol e uma nuvem. O (a) professor (a) então “dá o comando”, pintem com as cores “corretas”. A criança resolve pintar o sol de verde, mesmo sabendo que o (a) professor (a) pediu para pintar de amarelo. Ela entrega atividade para o professor e finaliza que ela gostou assim, da forma como ela pintou e da cor que ela escolheu. Ou seja, um ato livre de criação, apesar das restrições que foram colocadas. Podemos pensar em quantas atividades escolares privam esse ato livre de criação. Por que numa aula de artes, a criança não pode expressar-se por inteira, mas seguir determinações?

Portanto, “[...] é pela inserção na duração que reatamos com o ‘eu da profundidade’, com o eu que se emociona, que ‘vibra interiormente’, como se apenas a duração pudesse nos dar novamente uma vida rica de afetos” (LAPOUJADE, 2017, p. 18). A liberdade em Bergson será antes de tudo, de expressão e de criação, não se afasta da inteligência, ao invés disso, se faz no esforço de intuição presente na inteligência.

Em Bergson se tem o entendimento da intuição na duração como movimento contínuo e o que ela pode produzir em nós. A intuição se realiza de acordo com a própria vida. Já não é mais só o instinto, mas um instinto ampliado, já não é mais só a inteligência, mas a intuição-emoção profunda que revela o todo da multiplicidade qualitativa, de modo a expressar a profundidade da experiência causada (LAPOUJADE, 2017).

Experiências de criação do corpo criança

Nessa discussão, relacionamos os conceitos de intuição e inteligência com as experiências do corpo criança no ato livre de criação. O corpo criança pode criar nas escolas, em casa, nas suas brincadeiras. A criação tem espaço na intuição devido a seu movimento de novidade que é imprevisível, não é algo calculado e quantitativo distante do atual.

Tomemos como exemplo de experiência de criação o corpo criança que na falta de uma bola para brincar de futebol, se propõe a pegar folhas de caderno e sacolas plásticas na tentativa de criar uma bola com os materiais que estão disponíveis para ela. Nessa, a vontade de brincar a faz criar os meios para sua realização. A criança demonstra o esforço de pensar em materiais para tornar a bola que está na sua imaginação em real, possível mediante os materiais que estão dispostos para ela no ambiente que se encontra.

Podemos pensar em quantas experiências de criação no dia a dia as crianças perpassam por desejarem brincar. E a cada invenção realizada uma atualização acontece no corpo da criança, por isso que não basta somente a inteligência, que são os meios práticos, mas o desejo de querer criar algo, mas criar mediante uma liberdade.

A criança do exemplo, não teve restrições para criar sua bola, não precisou de intervenções sobre a forma que deveria ser, sobre o tamanho adequado, a criação não está para os enquadramentos, mas para reinvenções do que já existe, de modo a criar o novo com características de suas experiências com o objeto bola.

Outro exemplo seria o corpo criança que tem vários carrinhos de brinquedo, no entanto vê algo novo que pode ser criado ao desmontar os carrinhos e os montar de outra forma. A criança com sua vontade de potência, mesmo com posse de um brinquedo já fabricado, sente o desejo de criar ao montar e desmontar seus carrinhos. Novamente vemos o esforço na invenção. A criança ver o carrinho, imagina uma outra forma de montá-lo e de acordo com suas possibilidades realiza o que foi pensado. O desejo, que não partiu do externo, lhe motivou a criar.

A criança não encontra restrições para a realização do que foi imaginado por ela e nem durante a execução para a remontagem do carrinho com outras peças, de um novo jeito. Percebemos a liberdade para criar. Diferente de quando entregamos para as crianças desenhos impressos para colorir e queremos impor nossa representação sobre a cor do sol, da lua, do mar, das folhas, da terra. No plano da liberdade, sugere-se que as crianças tenham liberdade para imprimirem as suas expressões sobre esses e outros elementos. A criação não está para o externo, o desejo parte da criança, algo a motiva a querer desenhar, pintar, montar de acordo com sua imaginação, com sua emoção, com sua vontade de criar e na forma como deseja.

Esses dois exemplos nos fazem perceber que há uma relação entre inteligência e intuição, e esta última “[...] só será comunicada pela inteligência. Ela é mais que ideia; todavia, para se transmitir, precisará cavalgar ideias” (BERGSON, 2006, p. 45). Ao pensar nos materiais que poderiam ser utilizados para compor uma bola se utiliza tanto a inteligência no esforço de resolver o problema da falta da bola, quanto a intuição que é propriamente o desejo de criar, de tornar o atual um virtual que se atualiza, e a atualização é principalmente no corpo criança. Na experiência de desmontar os carrinhos de brinquedo e depois os montar de outra forma, acontece o mesmo que foi citado anteriormente. Nas experiências de criação do corpo criança percebemos o esforço na invenção.

Para criar é preciso refletir. É preciso que “cultivemos antes na criança um saber infantil e guardemo-nos de sufocar sob um acúmulo de ramos e de folhas secas, produtos de vegetações antigas, a planta nova que só pede para crescer” (BERGSON, 2006, p. 97). O que esperar de experiências que ficam somente na repetição? Criar implica esforço. Que experiências de esforço na invenção estão sendo desenvolvidas na escola? Parece que o corpo criança quando não está sob a pressão do que se deve orientado pela necessidade de

rendimentos escolares mensurados em notas, consegue criar no que se pode.

Considerações Finais

Nosso objetivo foi de compreender o conceito de inteligência e de intuição à luz da teoria de Bergson de modo a relacioná-los com as experiências de criação do corpo criança. O desejo de criar está em nós. Por isso, a importância da simpatia com que se faz, da emoção profunda por meio dos afetos, da pluralidade de encontros dos níveis de inteligência. A necessária relação com a intuição, permite muito mais do que o binarismo, do que as diferenças de grau; permite as diferenças de natureza.

O corpo criança ao brincar, cria; pois vê novas formas de posicionar tais objetos, de manuseio, e com isso se tem um esforço na invenção ao se desafiar na construção do novo. O ato livre para criar se torna necessário. A prática pedagógica pode considerar o corpo criança não como um mero reprodutor, mas como inventor. São poucas experiências que farão a criança suar, olhar fixamente, imaginar, morder os lábios, tentando pensar em ver o que tem em mãos de forma diferente. A leitura de Bergson nos provoca a pensar na natureza das experiências que ofertamos às crianças não só na escola, mas na família. Até que ponto as experiências contribuem para uma vida rica de afetos. Principalmente quando elas exigem das crianças que procedam por repetição e não pela criação.

Agradecimentos ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas- FAPEAM

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências**. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999. 144 p. (Coleção TRANS).

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. Trad. Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PINTO, Debora Morato. Da função biológica à gênese metafísica. Bergson e a ambiguidade da inteligência. *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, volume 14, número 2, p. 25-52, dezembro de 2017.